



*As cartas que compõem esta obra foram extraídas de
EPISTULAE MORALES AD LUCILIUM
Copyright © 2011, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.*

1.ª edição 2011

Revisão da tradução

Mariana Sérvulo da Cunha

Acompanhamento editorial

Luzia Aparecida dos Santos

Revisões gráficas

Márcia Leme

Helena Guimarães Bittencourt

Edição de arte

Casa Rex

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Casa Rex

Capa

Casa Rex

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sêneca, ca. 4 a.C.-65 d.C.

Sobre os enganos do mundo / Sêneca ; revisão da tradução
Mariana Sérvulo da Cunha. – São Paulo : Editora WMF Martins
Fontes, 2011. – (Coleção ideias vivas)

Título original: Epistulae morales ad Lucilium.

ISBN 978-85-7827-332-3

1. Conduta de vida – Obras anteriores a 1800 2. Epistulae morales
ad Lucilium 3. Ética – Obras anteriores a 1800 4. Seneca, Lucius
Annaeus, ca. a.C.-65 d.C. I. Schmitt, Olegario. II. Título. III. Série.

10-08818

CDD-188

Índices para catálogo sistemático:

1. Estoicismo : Filosofia antiga 188
2. Sêneca : Filosofia 188

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

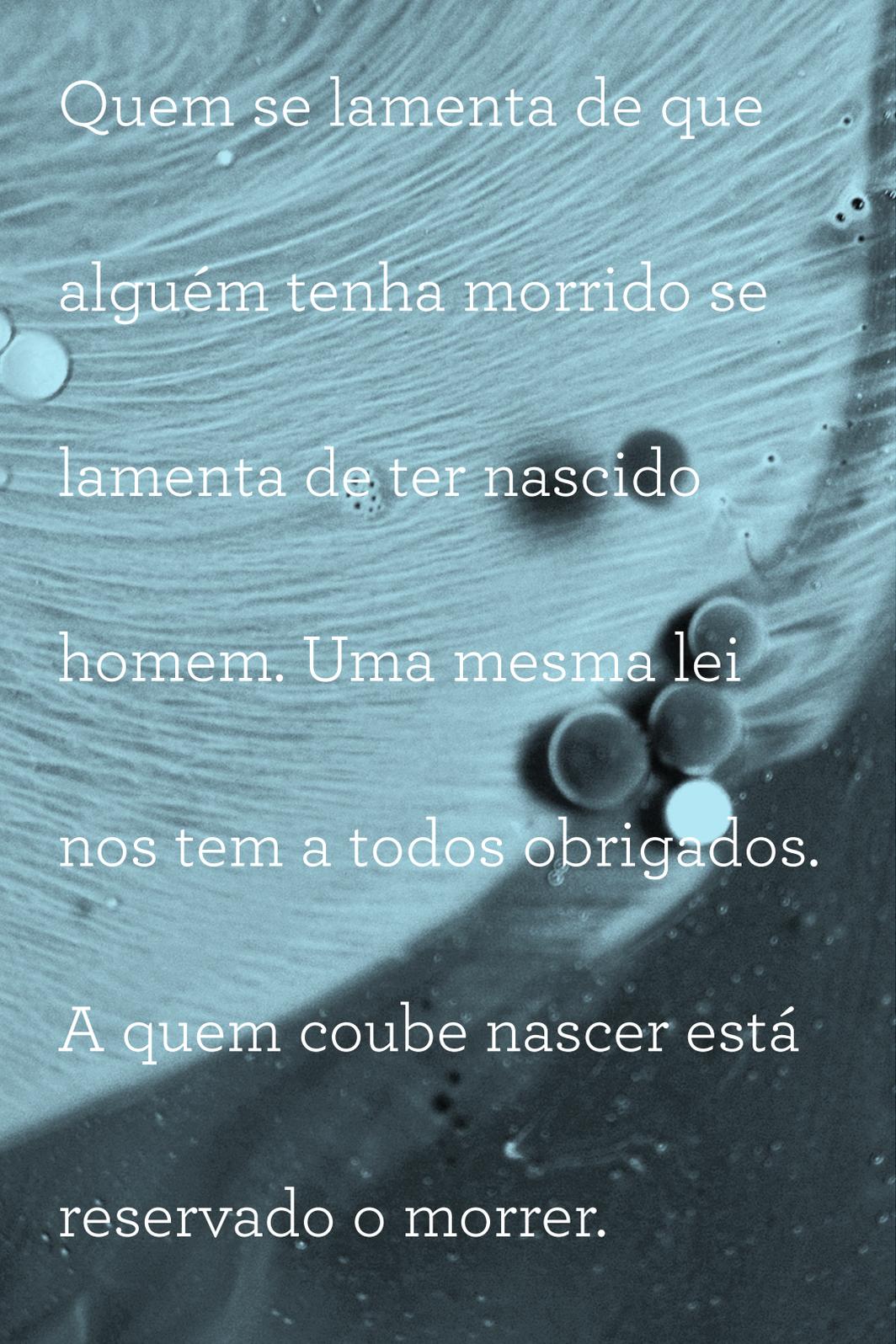
Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

SÊNeca Sobre os enganos do mundo
fotos **Olegario Schmitt**





Quem se lamenta de que
alguém tenha morrido se
lamenta de ter nascido
homem. Uma mesma lei
nos tem a todos obrigados.
A quem coube nascer está
reservado o morrer.

CARTA I

Sobre a economia do tempo

Sêneca saúda seu amigo Lucílio

Faze isto, meu caro Lucílio, apodera-te novamente de ti mesmo, e o tempo, que até agora te era arrebatado, subtraído ou simplesmente te escapava, recupera-o e conserva-o. Fica certo de que as coisas são como escrevo: parte do tempo nos é arrancada, parte nos é subtraída por amenidades, e o resto escorrega de nossas mãos. No entanto, a perda mais lastimável é a que se dá pela negligência. E, se considerares bem, a maior parte da vida se passa agindo mal, uma grande parte sem fazer nada, toda a vida se passa fazendo outra coisa que não o que seria necessário fazer. Que exemplo me darás de alguém que saiba valorizar o tempo, que dê consideração a um dia, que compreenda estar morrendo cotidianamente? Este é o erro: colocamos a morte no futuro, quando grande parte dela já passou. Tudo o que está no passado, a morte já o possui.

Portanto, meu caro Lucílio, faze tal como escreves: abarca todas as horas. Dependerrás menos do amanhã se fizeres hoje o que tem de ser feito. Enquanto postergamos, a vida não deixa de correr. Todas as coisas, Lucílio, nos são alheias, somente o tempo é nosso. Com efeito, a natureza nos deu essa única coisa fugaz e que nos escorrega das mãos, e que qualquer um pode nos tomar. E tal é a estultícia dos mortais que, pelas menores coisas e mais vis, facilmente substituíveis, contraem dívidas que aceitam de bom grado, mas não há quem julgue que alguém lhe deva algo quando toma o seu tempo, e no entanto ele é único, e nem mesmo quem reconhece que o recebeu pode devolvê-lo ao outro.

Talvez me perguntes qual é a minha atitude a esse respeito, eu que te aconselho estas máximas. Confessarei francamente: como alguém que gasta muito mas diligentemente: tenho em meus registros as contas certas. Não posso dizer que não perco nada, mas poderei dizer o que perco, por que e como; posso dar as razões de minha pobreza, mas encontro-me no mesmo caso que a maioria dos que estão arruinados não por sua culpa: todos desculpam mas ninguém ajuda.

Como isso acontece? Considero dessa forma: não tenho por pobre aquele que, por pouco que lhe sobre, já se satisfaz. Aconselho-te, no entanto, a preservar o que é realmente teu, e tão rápido quanto possível. Pois essa era a opinião dos nossos ancestrais. Tardia é a poupança, quando o vinho toca a borra. O que fica no fundo do vaso é pouco, e da pior qualidade. **ADEUS.**

Tradução Willian Li

8

CARTA XII

Sobre a velhice

Sêneca saúda seu amigo Lucílio

Para onde quer que eu me volte, vejo as provas da minha velhice. Estive em minha propriedade no subúrbio e queixei-me das despesas que teria de fazer por um edifício em ruínas. Meu administrador disse que o dano não se devia à sua negligência, pois havia feito todo o necessário: a casa é que estava velha. Ora, essa casa foi mandada construir por mim; se as pedras que têm minha idade estão virando pó, o que não estará acontecendo comigo? Irritado com aquilo, não deixei escapar a primeira ocasião para extravasar meu mau humor. “Parece-me”, disse, “que esses plátanos estão sem cuidados: não têm nenhuma folhagem! Como os ramos estão nodosos e tor-

tos, como os troncos estão com aspecto sombrio e esqueléticos! Isso não aconteceria se alguém revolvesse a terra em torno e os regasse.” Ele então jurou por meu gênio que de sua parte tudo fazia, que não deixava nada descuidado, mas eram as árvores que estavam velhas. Cá entre nós, fui eu próprio quem as plantou e vi brotar suas primeiras folhagens. E voltando-me para a entrada perguntei: “Quem é esse decrepito? É com razão que o puseste na soleira da porta. Onde o encontraste? Que gosto tiveste em recolher um morto que não nos pertence?” E o homem em questão disse para ele: “Não me reconheces? Eu sou Felício, a quem costumavas trazer estatuetas: sou filho do administrador Filósito, a quem costumavas chamar ‘tua pequenina alegria’.” Eu disse: “Esse homem certamente está delirando. Então o meu predileto tornou-se menino de novo? Mas pode ser verdade, pois seus dentes estão caindo.”

Isso devo à minha visita ao subúrbio: para qualquer lado que olhasse, minha velhice se evidenciava. Abraçemos, portanto, e amemos a velhice, pois ela poderá ser cheia de prazeres se soubermos usá-la. Os frutos são deliciosos quando estão maduros, a juventude é mais prazerosa no fim, os que apreciam o vinho deleitam-se mais com a última taça, a que satisfaz plenamente e põe um fim à bebedeira. O que todo prazer tem de mais agradável em si, ele o reserva para o fim. A vida é mais agradável quando já está declinando, mas não de modo abrupto. E supondo ainda que a idade que é, por assim dizer, como a gota de água na borda da última telha, tenha prazeres únicos. Ou então que o fato de não mais se desejar o prazer seja o prazer supremo. Como é aliviante ter se cansado dos desejos ou então abandoná-los! “Mas incomoda”, dizes, “ter a morte em vista.” Em primeiro lugar, ela está sempre presente,

9

quer para o velho ou para o jovem – e não se trata aqui de um consenso surgido de uma votação. Depois ninguém é tão velho que não possa reivindicar para si mais um dia. Um dia é um degrau na vida.

Toda vida consta de partes, e elas formam círculos concêntricos maiores e menores. Há um que abraça a todos e os fecha: é o círculo do dia do nosso nascimento até a morte. Outro compreende apenas os anos da juventude; há o que abarca toda a infância. Finalmente há o ano que por si só e em si contém um ciclo completo de tempo a partir do qual contamos a nossa vida. Um círculo menor contém os meses. A rotação de um dia constitui o menor círculo que passa, como os outros, do seu início ao fim, da aurora ao ocaso. Assim Heráclito, que foi chamado de “obscuro” por causa de sua linguagem, diz: “Um dia é igual a todos.” Esse dito foi interpretado de diversas maneiras. Alguns entendem “igual” por “igual número de horas”, e o raciocínio deles não é falso. Pois, se o dia é concebido como uma sucessão de vinte e quatro horas, é necessário que os dias sejam todos iguais, pois a noite se apodera do que o dia perde. Outros dizem que um dia é igual a todos pela semelhança: com efeito, nada há na mais longa duração de tempo que não possa ser encontrado no período de um dia e uma noite. Dessa forma, cada dia deve ser regrado como se fechasse um círculo e completasse uma vida. Portanto, todo dia deve ser ordenado como encerrando uma marcha, como se fosse o último e supremo dia de nossa vida.

Pacúvio, que se instalou na Síria com plenos poderes, costumava realizar um sacrifício fúnebre para si mesmo, com as libações e os famosos banquetes funerários. Em seguida, fazia-se levar da sala ao seu quarto enquanto os eunucos cantavam em grego com acompanhamento musical: “Ele está morto! Sua vida já passou!” Pacúvio não

passava um só dia sem realizar esse macabro ritual. Fazamos, no entanto, e com intenções honestas, o que aquele desabusado fazia como espetáculo. Ao dormir, digamos com alegria e contentamento:

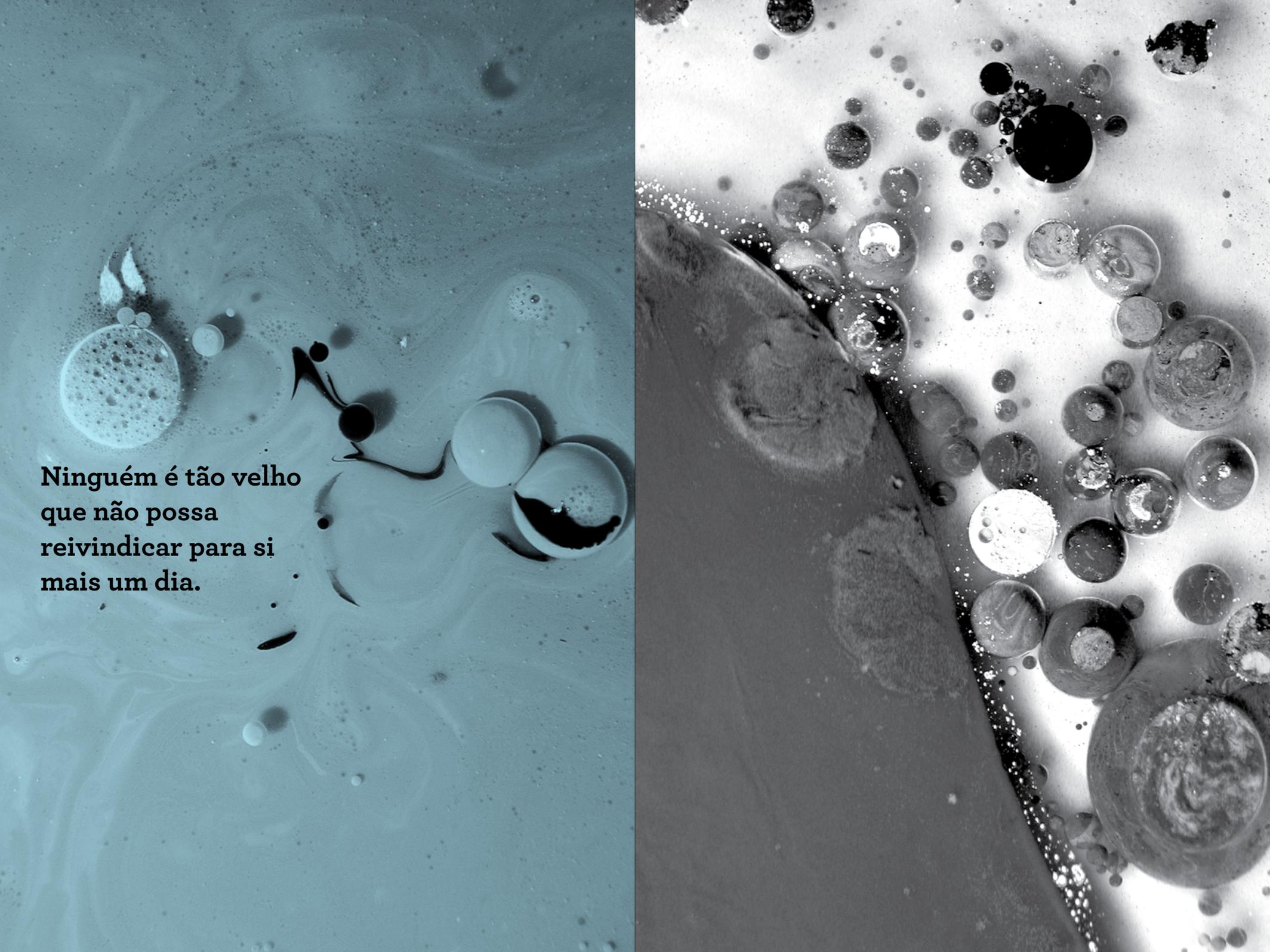
VIVI. PERCORRI O CURSO QUE A FORTUNA

TRAÇOU PARA MIM.

Se deus nos conceder um dia a mais de acréscimo, receberemos com alegria. É um homem muito feliz e com plena posse de si mesmo o que espera o amanhã sem inquietude. Todo o que diz “já vivi” recebe cotidianamente mais um dia como lucro.

Mas já devo concluir a epístola. “Então irás terminá-la desse modo, sem nenhum acréscimo para mim?”, é o que me dirias. Nada temas, pois ela nos dá algo. Por que disse “algo”? Ela nos dá muito. Há, com efeito, algo mais belo do que aquilo que te darei agora? “É um mal viver sob o jugo das necessidades, mas não é necessário viver sob a necessidade.” Por toda parte há muitos e simples caminhos para a liberdade. E agradeçamos a deus, que não obriga o homem a permanecer na vida. Podemos até nos livrar de nossas necessidades. Dir-me-ás: “O dito é de Epicuro. O que tem uma outra escola a ver com a nossa?” Considero que tudo o que é verdadeiro é meu. Continuarei a te enviar pensamentos de Epicuro, para que as pessoas que juram sobre a palavra de outro e consideram não o que é dito, mas quem o diz, saibam que as melhores coisas pertencem a todos. **ADEUS.**

Tradução Willian Li



**Ninguém é tão velho
que não possa
reivindicar para si
mais um dia.**

Sobre a viagem como cura para o descontentamento

Sêneca saúda seu amigo Lucílio

Pensas que acontece somente contigo e te admiras como se fosse algo de novo o fato de teres feito uma viagem tão longa e visitado tantos lugares diferentes sem que com isso aliviasses o peso e a tristeza de tua mente? Deves mudar a alma, e não o lugar. Embora atravesasses vastos mares e, como declama Virgílio:

TERRAS E CIDADES FORAM VISTAS POR TI,

para onde quer que fores, teus vícios te seguirão. Da mesma forma, assim respondeu Sócrates a alguém que se dirigiu a ele: “Por que te admiras de que tuas viagens não te auxiliam, uma vez que sempre te levas contigo? A aflição que te atinge estará sempre contigo.” Que novidade pode trazer percorrer todas as terras? Ou conhecer muitas cidades e lugares? Toda essa agitação é desnecessária. Perguntas-me por que não sentes nenhum alívio na fuga? É porque foges levando-te contigo. É preciso primeiro depor o fardo que sobrecarrega tua alma; antes disso nenhum lugar te será aprazível.

Julga que o teu presente estado é como o da sacerdotisa que Virgílio descreve; ela já está excitada e tomada de fúria, e está cheia de uma inspiração que não é dela:

A SACERDOTISA ESTÁ POSSUÍDA; PUDESSE ELA DE SEU PEITO
EXPULSAR O PODEROSO DEUS.

Tu corres de um lado para outro para livrar-te do peso que te aflige. Essa própria agitação torna-o pior; acontece o mesmo na navegação: se a carga está em equilíbrio estável, ela exerce menos pressão; se está disposta de maneira desigual, ela submerge do lado que está mais

pesado. Tudo isso que fazes, é contra ti mesmo; e toda essa movimentação te prejudica porque estás sacudindo um homem doente.

No entanto, quando tiveres te livrado do mal, qualquer viagem será agradável. Poderás ser exilado para os confins da terra, e em qualquer canto perdido dos países bárbaros aonde terão te levado haverá sempre para ti um lugar acolhedor. O mais importante é o estado de ânimo no qual te encontras e não o lugar para onde se vai; e da mesma forma não devemos condicionar nosso estado de ânimo a nenhum lugar. Devemos viver com esta convicção: “Não nascemos encurralados, minha pátria é todo este mundo.” Se isso está claro para ti, não ficarás surpreso de não obter nenhum benefício dos novos lugares que busca por causa do aborrecimento dos anteriores. O primeiro lugar que te foi dado já tinha te agradado, se o considerasses inteiramente teu. De fato, tu já não viajas, mas erras e mudas de lugar sendo levado de uma parte a outra, enquanto aquilo que buscas – a arte de viver bem – pode ser encontrado em qualquer lugar. Pode haver lugar mais agitado que o fórum? Mesmo ali, caso fosse necessário, seria possível viver tranquilamente. Se pudéssemos dispor livremente de nós mesmos, eu evitaria até olhar para as vizinhanças do fórum. Pois, assim como lugares perigosos ameaçam a saúde mais robusta, da mesma maneira isto acontece com a sabedoria ainda imperfeita e prestes a recair no erro: há lugares que são maléficos. Na realidade divirjo daqueles que se lançam no fluxo das coisas levando uma vida cheia de afazeres, lutando com as dificuldades da vida cotidiana e empregando nisso todo seu talento. O sábio poderia suportar todas essas coisas, mas ele não escolheria esse modo de vida; ele preferiria a paz ao combate. É inútil